

Collor usa adesão de Márcia para ligar imagem a Juscelino

Diamantina (MG) - Waldemar Sabino

Maurício Lara

DIAMANTINA, MG — A intenção do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, de aproveitar a festa de adesão da filha do ex-presidente Juscelino Kubitschek, deputada federal Márcia Kubitschek, para vincular-se à imagem de JK, incluiu até a programação de uma seresta nas escadas da Igreja de São Francisco. Não faltaram, também, fotos posadas ao pé da estátua do ex-presidente e ao lado de Márcia. No comício, que reuniu cerca de 3 mil pessoas, na noite de anteontem, nesta cidade, Collor disse ter em comum com Juscelino “o ideal de desenvolvimento com justiça social”.

Marcado para 19h30, o comício só começou às 22h porque Collor e a vice-governadora de Minas, Júnia Marise, fizeram de carro os 300 quilômetros de Belo Horizonte a Diamantina. O candidato e a vice-governadora tiveram problema de teto no aeroporto do município. Collor lembrou passagens da trajetória de JK mostrando que tinha procurado se informar sobre a vida política do ex-presidente. “Juscelino saiu daqui com uma mala na cabeça, em busca de novos horizontes”, disse.

Entusiasmo — Márcia Kubitschek, no entusiasmo de vincular Collor ao pai, chegou a interromper a leitura do próprio discurso para mostrar, no meio do público, um grupo de moças que vibrava com a presença do ex-governador de Alagoas no palanque. “Olha, Fernando. Meu pai tinha até umas *fanzocas* iguais àquelas ali”, entusiasmou-se.

Tanto Márcia quanto Collor lançaram a vice-governadora Júnia Marise como candidata ao governo de Minas. “Júnia pode ser uma grande governadora no futuro”, incentivou Márcia. “Ela pode chegar, num futuro próximo



Márcia foi com Júnia e Collor à tradicional seresta

ao governo de Minas Gerais”, acrescentou Collor, depois de elogiar a bem sucedida interinidade de Júnia no Palácio da Liberdade durante viagem de Newton Cardoso ao exterior.

Em seu discurso, o candidato do PRN prometeu um governo que “coloque os ladrões e corruptos na cadeia”, que tenha “autoridade moral para dizer aos que querem pilhar nossas riquezas que a época do Brasil-Colônia já passou”. Collor disse que teve a ousadia de romper com os que queriam prendê-lo “nos grilhões da corrupção, patrocinada por este governo ilegítimo do país”.

Ele bateu forte no presidente Sarney: “Falta caçar um marajá, o maior de todos, que é o presidente da República que infelicitiza nossa gente”, atacou o candidato conclamando o povo a fazer a caçada com “a arma da democracia, que é o voto”.

Depois do comício de 45 minutos, Collor atravessou a Praça JK para participar de uma seresta de apenas 15 minutos preparada por Márcia Kubitschek nas escadarias da Igreja de São Francisco. Em seguida, atravessou novamente a praça para posar para fotos na estátua de Juscelino, tendo o cuidado de ajeitar os cabelos com as mãos, antes de postar-se ao lado de Márcia. “Juscelino ficava sentado nas escadarias com a gente. Não ficava ninguém cercando ele”, queixou-se Maria do Socorro Moura, de 40 anos.

Apesar de sua programação ter se estendido pela madrugada, Collor saiu cedo de Diamantina. Não cumpriu a programação prevista que incluía visita ao bispo, dom Geraldo Magela Reis, e à Casa de Juscelino. Márcia o representou na visita ao bispo.